



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 66 — N.º 792 — 13 de Setembro de 1988

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef. 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 120\$00
Estrangeiro (via aérea) 250\$00



Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

A FÉ SEM OBRAS É MORTA

Todos conhecemos, por tradição muito repetida, esta frase de S. Tiago, cuja carta é aliás lida na liturgia dominical. Admitem alguns que esta frase, e todas as que a esclarecem no mesmo escrito, tenderia a chamar a atenção dos cristãos convertidos do judaísmo para a necessidade de viver a fé em todas as suas dimensões, nomeadamente no que diz respeito ao mandamento do amor: «A religião pura e sem mácula diante de Deus nosso Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas tribulações, e conservar-se isento da corrupção deste mundo.» (Tg 1, 27). Os historiadores da Sagrada Escritura admitem mesmo que se trata, nesta carta, de um problema levantado por certas cartas de S. Paulo, onde se insiste muito sobre a necessidade da fé em Jesus Cristo para a salvação, e onde, por causa dessa insistência, se poderia às vezes colher a impressão de que basta acreditar, sem praticar, para poder obter a salvação. Claro que, tendo escrito tão longas cartas, S. Paulo tem muitíssimos discursos morais, onde se põe a claro que a prática da fé (e uma prática muito exigente, se tivermos em vista a degradação moral do meio ambiente), é absolutamente necessária para que alguém possa alimentar esperanças de salvação, e portanto, considerar-se cristão. Aliás, as obras que se exigem não são só as que hoje poderíamos chamar obras de misericórdia, mas também outras, mais directamente religiosas, como a prática dominical.

Compreende-se que assim seja. Se, como cremos, a fé em Jesus Cristo é a porta de entrada no Reino dos Céus, isso não pode acontecer só com uma adesão de tipo sentimental, desligada de qualquer compromisso estável na vida. Quando uma convicção se instala no coração, é da Psicologia que ela tende sempre a prosseguir o seu caminho até passar do sistema nervoso central para todas as zonas operativas do homem, ou seja, aos seus próprios músculos. Os psicólogos exprimem assim esse princípio: toda a ideia tende a transformar-se em acção. E não é verdade que todos nós temos disso experiência? As nossas convicções mais fortes, sejam elas quais forem, e tenham que tema tiverem, nem que seja o futebol, não só exigem que a gente fale delas, às vezes com muita frequência, como se mexa por causa delas, para as defender, para as promover, ou para ao menos as preservar da morte. Certos seres humanos vivem uma vida inteira entregues a um pequeno ideal que entretanto lhes ocupa de tal modo a vida que os livra das aflições da solidão.

A partir daqui, podemos imaginar que, se o cristianismo atravessa um tempo de dificuldades entre nós, será porque a sua força diminuiu no coração dos crentes. Alguns serão levados a pensar que esta diminuição de energia de convicção se deve aos conflitos e a algumas batalhas perdidas que os meios cristãos terão travado com outros meios sociais, especialmente com as ciências e as artes. O velho conflito entre a religião e a ciência não parece, com efeito, ter ainda atingido o seu termo, e há pelo menos restos que ficam mesmo depois de assinadas as tréguas. Mas também há quem pense, a justo título, que o enfraquecimento da fé se deve em grande parte à falta de exercício por parte dos cristãos, muito embrenhados nas ilusões e ardis do mundo actual. Ora é sabido igualmente que qualquer órgão ou fonte estagna e deixa de existir se não for exercitado convenientemente. Daí que S. Paulo, comparando-nos aos atletas que, então como hoje, passavam a sua vida a preparar-se para os jogos olímpicos, diz que é preciso correr, a ver se conseguimos alcançar o prémio da glória! Sem o extenuante exercício quotidiano, que rendimento dariam todos esses milhares de atletas que se preparam agora para Seul?

E aqui vem muito a propósito uma frase do Vaticano II, onde os padres conciliares fizeram já uma tentativa de diagnóstico à doença do cristianismo no Ocidente: «Quanto ao remédio para o ateísmo, ele há-de vir da conveniente exposição da doutrina, e da vida íntegra da Igreja e dos seus membros. Pois a Igreja deve tornar presente e como que visível a Deus Pai, e a Seu Filho encarnado, renovando-se continuamente...» (Gaudium et Spes, n.º 4).

FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU é o nosso tema para todo o ano. Mas é urgente os cristãos compreenderem que a fé só será princípio de felicidade se for acompanhada das obras. Daí o tema para Setembro: A FÉ SEM OBRAS É MORTA.

P. LUCIANO GUERRA



«Com Maria, Construir a Igreja» foi o tema que a Comissão Episcopal de Migrações e Turismo escolheu para a 16.ª Semana Nacional de Migrações, que decorreu de 7 a 14 de Agosto, na qual se incluiu, como ponto mais alto, a peregrinação anual dos emigrantes ao Santuário de Fátima, integrada nos actos da peregrinação internacional de Agosto.

Esta peregrinação, a segunda maior deste ano, registou a presença de cerca de 200.000 peregrinos, com larga percentagem de emigrantes, e cerca de 3.000

peregrinos estrangeiros, de pelo menos 10 países diferentes (de grupos que registaram a sua presença no Serviço de Peregrinos do Santuário). Presidiu à peregrinação D. Giovanni Cheli, pro-presidente da Comissão Pontificia para as Migrações e Turismo, e estiveram presentes D. Teodoro de Faria, bispo do Funchal e presidente da Comissão Episcopal para as Migrações e Turismo, e os vogais da mesma Comissão, D. Manuel da Silva Martins, bispo de Setúbal, e D. Aurélio Granada Escudeiro, bispo de Angra do Heroísmo, além de outros bispos portugueses e um irlandês (eram 10 na celebração final do dia 13).

Presidiu à celebração eucarística da noite de 12 e fez a homilia D. Teodoro de Faria, que, a dado momento, afirmou que «a comunidade portuguesa na diáspora tem influenciado a história da Igreja no mundo con-

A PEREGRINAÇÃO DE AGOSTO

“COM MARIA, CONSTRUIR A IGREJA”

temporâneo e não deixou também de adquirir linguagem e formas para melhor exprimir a sua fé e construir a Igreja», uma das quais é precisamente a devoção mariana do povo português que «foi levada pelos emigrantes para todo o mundo, como riqueza que não pode ser abandonada».

D. Teodoro de Faria, depois de chamar a atenção para as incumbências das sociedades que recebem emigrantes, fez também um apelo veemente aos muitos milhares de emigrantes presentes e a todos quantos seguiram as celebrações de Fátima, através da Radiodifusão Portuguesa e da Rádio Renascença: «A Igreja defende a vossa participação na vida da sociedade onde vos encontrais, mas tal participação deve ser mais imediata e evidente no âmbito das próprias igrejas particulares, pois na Igreja de Jesus Cristo ninguém é estrangeiro. A uni-

(Continua na página 2)

19 de Agosto nos Valinhos

Como vem acontecendo desde há bastantes anos, fez-se nos Valinhos a celebração do aniversário da 4.ª aparição de Nossa Senhora. Os peregrinos partiram da Capelinha das Aparições, às 21.30 horas, à hora em que, nos outros dias, se reza solenemente o terço e se faz a procissão de velas. Julgando, com base em dados armazenados simplesmente na memória, tivemos a impressão de que a multidão seria o dobro da do ano passado. Aliás é o que tem vindo a acontecer diariamente na Capelinha, àquela hora.

Um outro elemento importante é que também esta comemoração se está cada vez mais a internacionalizar, exigindo por isso cada vez mais também uma preparação adequada. Os cânticos e o terço, assim como uma introdução à eucaristia, celebrada no local, foram feitos, para além do português, em espanhol, inglês, italiano e alemão. Como novidade, iniciou-se tudo com a bênção e acendimento das velas na Capelinha, funcionando o percurso até à rotunda sul como procissão de velas, durante a qual houve os cânticos habituais, em várias línguas. A noite estava serena, com a lua em crescente, iluminando as copas argéneas

das oliveiras, juntamente com as velas, que entretanto tinham dificuldade em vencer a ventada muito forte e algo fria da noite.

Tudo decorreu em perfeita harmonia e muito silêncio. No fim da comunhão, o celebrante principal convidou a assembleia a ajoelhar diante da sagrada reserva eucarística, e nessa posição rezar as orações ensinadas pelo Anjo, na Loca do Cabeço, a alguns duzentos metros. A pergunta que fica sempre, no fim destas subidas maravilhosas àquela montanha de sonho, é esta: o que terá querido Nossa Senhora ao escolher aquele lugar para a sua quarta aparição, em lugar de, como seria para nós normal, ter encaminhado as crianças para a Cova da Iria, nesse ou em qualquer outro dia?

A resposta, que sempre também se vai tentando encontrar, será que aquela montanha é necessária absolutamente como complemento ao carácter multitudinário da Cova da Iria, como pulmão espiritual para os peregrinos, que precisam de saborear o silêncio e a natureza como ambientes em que a palavra de Deus lhes penetra mais facilmente no coração. E a conclusão que também se vai

fazendo normal é que aqueles lugares devem ser preservados para grupos mais pequenos e para permanências menos duradouras e menos oficiais do que na Cova da Iria. O que não obsta a termos de interrogar-nos sobre a maneira de tornar o acesso mais fácil e menos envolvido pelo ambiente urbano. Com mil pessoas pode fazer-se actualmente um cortejo de várias centenas de metros, o que é demasiado para uma condução eficaz do grupo. Será necessário fazer um caminho mais largo, por exemplo com dez metros de largura, de modo a obter-se uma boa caminhada de uma pequena multidão como a do dia 19? E nesse caso, por onde deverá passar esse dito caminho?

Esperamos que Nossa Senhora e o Anjo nos vão ajudando a encontrar respostas tanto teóricas como práticas. O reitor do Santuário, que presidiu ao acto todo, fez nesse sentido um apelo para que todos rezássemos pelas pessoas actualmente encarregadas da revisão do Plano de Urbanização, assim como pelos habitantes e autoridades de Fátima, e também pelos proprietários dos lugares, já que uma boa solução exige a colaboração de todos.

...E PELO SANTO PADRE

Ao fazer o juízo crítico da piedade católica, na segunda metade do século passado, escrevem dois sagazes pensadores: «Entre as formas novas revestidas no século XIX pelo amor da Igreja, a mais original é a que se apelidou 'a devoção ao Papa'. O conjunto de ideias, de sentimentos, de escritos e acções que estas palavras evocam, não teriam deixado de causar admiração no ânimo dos contemporâneos de Inocêncio XI ou Bento XIV» (Grandmaison e Rousselot, *Christus*, Vol. IV, pág. 305).

O amor, devoção e respeito pelo Papa adentraram-se em todos os verdadeiros católicos, dum modo particular nos sacerdotes. É o que nos mostra a Mensagem de Fátima, como nos conta Lúcia:

«Foram interrogar-nos dois sacerdotes que nos recomendaram que rezássemos pelo Santo Padre. A Jacinta perguntou quem era o Santo Padre e os bons sacerdotes explicaram quem era e como precisava muito de orações. Desde então, não oferecemos a Deus oração ou sacrifício algum em que não dirigíssemos uma súplica por Sua Santidade.

A Jacinta ficou com tanto amor ao Santo Padre que sempre que oferecia os seus sacrifícios a Jesus, acrescentava... e pelo Santo Padre.

No fim de rezar o terço, acrescentava sempre três Ave-Marias pelo Santo Padre».

A pequenita exclamava, por vezes: « — Quem me dera ver o Santo Padre! Vem cá tanta gente; o Santo Padre nunca cá vem!

Na sua inocência de criança, julgava que o Santo Padre podia fazer esta viagem como as outras pessoas.

Concebemos um amor tão grande ao Santo Padre que, quando um dia o Senhor Prior disse à minha mãe que provavelmente eu vinha a ter que ir a Roma, para ser interrogada por Sua Santidade, batia as palmas de contente e dizia a meus primos:

— Que bom, se vou ver o Santo Padre!

E a eles caíam-lhes as lágrimas

mas e diziam:

— Nós não vamos, mas oferecemos este sacrifício por ele!»

Referindo-se à prisão e à cadeia, onde estiveram encerrados os três, conta Lúcia que o Francisco, levantando os olhos e as mãozitas ao Céu, pronunciou este oferecimento:

«Ó meu Jesus, é por vosso amor e pela conversão dos pecadores. A Jacinta acrescentou: — E também pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.

Como a Santíssima Virgem nos tinha dito que oferecéssemos também as nossas orações e sacrifícios para reparar os pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria, quisemos oferecer cada um pela sua intenção: oferecia um pelos pecadores, outro pelo Santo Padre e outro em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria. Feita a combinação, disse à Jacinta que escolhesse a intenção por que queria oferecer.

— Eu ofereço por todas, porque gosto muito de todas».

A dedicação tão grande da Jacinta pelo Vigário de Cristo foi-lhe recompensada com favores especiais. Certa vez, junto do poço do quintal da família de Lúcia, diz a esta sua companheira: «Eu vi o Santo Padre numa casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, com as mãos na cara a chorar. Fora da casa estava muita gente; e uns atiravam-lhe com pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre! Temos de pedir muito por ele!»

Outra vez, na Loca do Cabeço, enquanto contempla uma visão, diz à sua prima:

«Não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente a chorar com fome e não têm nada para comer? E o Santo Padre numa igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com ele?»

Passados poucos dias após estas aparições, pergunta a pequenita à sua prima:

« — Posso dizer que vi o Santo Padre a toda aquela gente?

— Não! Não vês que isso faz parte do Segredo, que por aí logo se descobria?

— Está bem! Então não digo nada».

Anos mais tarde, escrevia desde Tuy, Espanha, Lúcia ao Senhor Bispo de Leiria:

«A Jacinta impressionava-se muito com algumas coisas reveladas no Segredo, e, com o seu grande amor ao Santo Padre e aos pecadores dizia muitas vezes:

— Coitadinho do Santo Padre! Tenho muita pena dos pecadores!

Oxalá que a sua recomendação de pedirem pelo Santo Padre e pelos sacerdotes seja ouvida e posta em prática em todos os recantos da terra!»

P. FERNANDO LEITE

“COM MARIA, CONSTRUIR A IGREJA”

(Continuação da 1.ª página)

dade da Igreja não se fundamenta na língua comum, na raça ou cor da pele, mas no Espírito

carística, canto de «laudes» e procissão com o Santíssimo Sacramento) teve grande participação de peregrinos e foi assegurada por várias pessoas e gru-



Santo que confere a todos a mesma fé, esperança e caridade.»

A noite da vigília (com viasacra, adoração eucarística, celebração mariana, celebração eu-

pos que trabalham na pastoral das migrações.

Na concelebração final, presidida por D. Giovanni Cheli, participaram mais 9 bispos e cerca de 250 sacerdotes.

Também o presidente da peregrinação exortou os emigrantes a confiarem a Maria todos os sofrimentos inerentes à sua condição e chamou a sua atenção para o seu papel no seio das comunidades onde se radicam: «A pastoral específica das migrações que a Igreja predispôs e continua a aperfeiçoar, não é uma pastoral para marginalizados, mas deve tender, como a pastoral ordinária, para a formação de comunidades de migrantes que, como tais, pertençam ao contexto da Igreja local.»

Uma vez mais, segundo a tradição que já vem desde o ano de 1940, cerca de seis centenas de peregrinos aproximaram-se do altar com sacos de trigo para a confecção das hóstias a consumir no Santuário de Fátima. A propósito, anunciou-se que no ano de 1987 se consumiram cerca de 24.000 hóstias e mais de 900.000 partículas, o que representou um acréscimo de cerca de 3.000 hóstias e de 20.000 partículas em relação ao ano de 1986.

A peregrinação terminou, como habitualmente, com a procissão do Adeus.

NOTAS DA PEREGRINAÇÃO

❖ Na tarde do dia 12, houve um colóquio no Centro Pastoral de Paulo VI, em que participaram sacerdotes, religiosos e leigos ligados ao trabalho pastoral das migrações. Nesse colóquio, presidido por D. Teodoro de Faria, debateu-se a situação actual da pastoral da emigração e o papel dos leigos nas comunidades emigrantes.

❖ A Associação dos Servitas, às 14h do dia 13, forneceu os seguintes números estatísticos: Peregrinos acolhidos no lava-pés: 1.656; posto de socorros: 481; admitidos à bênção dos doentes: 244; nas confissões: 5.340; nas promessas: 7.235.

❖ A secção de peregrinos a pé deu os seguintes números: foram acolhidos 1.735 peregrinos a pé, provenientes, na sua maior parte, da diocese do Porto (818), de Coimbra (428) e de Aveiro (234), uma parcela dos cerca de 10.000 que só no trajeto do Porto a Fátima, vieram a pé. Foram atendidos todos os peregrinos que procuraram dormida e foram fornecidas nos dias 11, 12 e 13, 4.392 refeições.

❖ Além das ofertas de trigo e outros dons que foram levados ao altar na concelebração final, foi entregue também um artístico lampadário voti-

vo, cópia de um outro que foi benzido pelo Papa em Santa Maria Maior, expressamente concebido para comemorar o Ano Mariano de 1987/88 e exprimir a preparação da Igreja para a celebração do Ano Santo de 2000, bimestral do nascimento de Cristo, no espírito de Maria.

Foi oferta do casal Müller, de Düsseldorf, Alemanha, como lembrança das suas bodas de prata matrimoniais.

❖ Aos actos da peregrinação esteve presente o Dr. Manuel Filipe Correia de Jesus, Secretário de Estado da Emigração e das Comunidades.

N.º 100

SETEMBRO 1988

Fátima dos pequeninos



Querido Amiguinho

Ontem veio cumprimentar-me uma menina, com uma planta num vaso muito bem preparado e outras coisas... Perguntei: «Quem faz anos? — «A minha mãe!» respondeu. Gostei! Os nossos pais merecem toda a nossa gratidão e amor. Quando eu era pequena, levávamos um mês a preparar a festa da mãe... bandeirinhas e folhas de papel, cactos, quadras, bordadinhos, teatro, danças (só irmãos éramos 10 e muitos primos). Era uma festa!

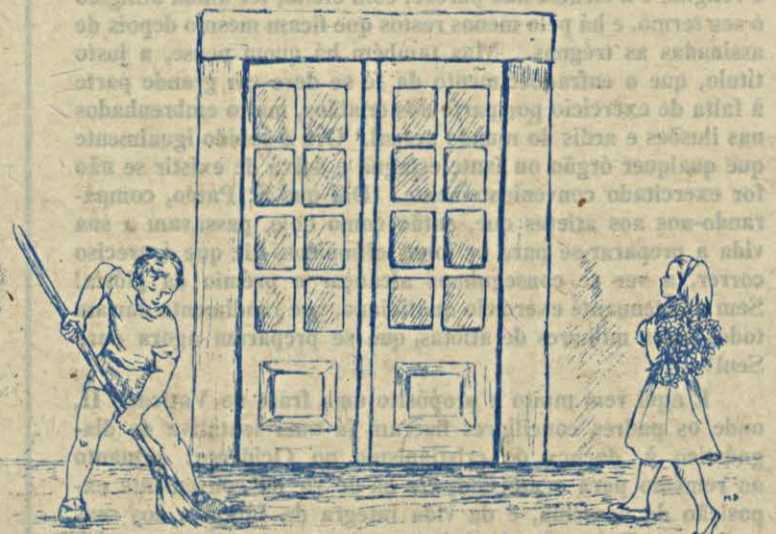
No dia 8 de Setembro, Nossa Senhora fez anos. Lembraste-te?

O ano passado, na Cova da Iria, cantaram-se os parabéns e foi oferecido um bocadinho de bolo a todos os que ali se encontravam.

Este ano, deixaste passar o dia sem te lembrares? Paciência. Escolhe outro dia, prepara os presentes que queres oferecer à Virgem Santíssima: coisas pequeninas — varrer com cuidado, fazer as camas para que a mãe ou a avó não se cansem, varrer em frente da casa... trazer um raminho de flores do campo para enfeitar a entrada... Nada de diferenças entre rapaz e rapariga! A gentileza é para todos: manifestações diferentes, mas nada de egoísmos; rapazes e raparigas devem completar-se.

Se observarmos o Francisco e a Jacinta, que diferença mas também que beleza de sentimentos! Cada qual deve manifestar-se com as qualidades e as características próprias. Repara, somos todos diferentes. E é bom que seja assim. Cada um deve dar o que tem de bom. «Eleva-te e todo o mundo se elevará!»

Observa os pastorinhos: cada um tinha a sua maneira de ser e assim se manti-



veram até ao fim. O Francisco tinha tendência para a contemplação: passava horas imergido na luz de Deus. A Jacinta, toda a vida, saltos e cantos, lança-se com o mesmo entusiasmo para o sacrifício, com tanto amor que impressiona.

Se o Francisco faz lembrar S. Francisco de Assis, a Jacinta faz lembrar Santa Teresa de Ávila. Cada época com as suas características... E a Lúcia? É a grande apóstola, a confidente de Nossa Senhora. E nós? Somos o que a nossa generosidade nos deixa ser. O egoísta é insuportável. Mas quem pensa em dar felicidade aos outros é sempre feliz e encontra sempre novas maneiras de se divertir e de divertir os outros.

Experimenta... Coragem!

IRMÃ GINA

ENCERRAMENTO DO ANO-MARIANO

Na Cidade do Vaticano

O Ano Mariano, iniciado em 7 de Junho de 1987, foi solenemente encerrado pelo Papa, em Roma, com diversas expressões da piedade mariana católica. Assim, na vigília da Assunção de Nossa Senhora, João Paulo II presidiu, na basílica de Santa Maria Maior, à chamada «Liturgia do Incenso», um rito copta do antigo Egipto, em que se cantaram vésperas solenes e se utilizaram orações e hinos em latim, grego, copta e árabe.

No dia 15, o Santo Padre presidiu à solene Eucaristia da Assunção de Nossa Senhora, celebrada na basílica de S. Pedro, encerrando assim o ano que ele próprio promulgou no dia 1 de Janeiro de 1987.

Antes da Eucaristia propriamente dita, houve uma cele-

bração oriental em que se recitaram orações e se lançaram flores e perfumes sobre um quadro da «dormição» de Maria, depositado num «sepulcro» colocado junto do altar da confissão de S. Pedro.

Esteve também presente o célebre ícone de Nossa Senhora «Salus Populi Romani», que se venera na igreja de Santa Maria Maior.

Na liturgia da Eucaristia, foram novamente utilizadas várias línguas, antigas e modernas.

Na sua homilia, o Santo Padre desenvolveu aquela ideia do «Magnificat» de Nossa Senhora: «Todas as gerações me chamarão bem-aventurada». Percorrendo, em breve relance, todas as épocas da história da

Igreja em que se invocou a bem-aventurança de Maria, entre as quais esta nossa «que se avizinha dos inícios do 3.º milénio», o Santo Padre concluiu dirigindo-se a Nossa Senhora: «Este ano que está a terminar foi o tempo dos olhos levantados para Ti, Mãe de Deus, Virgem, constantemente presente no mistério de Cristo e da Igreja. O Ano Mariano termina hoje, mas não terminará o tempo dos olhos levantados para Maria. Seguindo-Te, ó Mãe, na nossa peregrinação terrena, mediante a fé, encontramos hoje no limiar da Tua glorificação em Deus».

À saída da basílica, o Santo Padre recitou o «Angelus», diante da célebre estátua da «Pietà».

Ecos de um ano com Maria

Certamente ainda é cedo para se avaliar o significado que teve para a Igreja e para o mundo esta celebração solene de um ano dedicado a Maria, em boa hora promulgado pelo Papa João Paulo II como preparação para o bimilenário do nascimento de Cristo.

Mas não foi difícil observar, em todos os pontos da Igreja, uma renovação da piedade mariana, fundamentada num aprofundamento mais intenso da missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, tema que foi também apresentado pelo Papa na sua encíclica «Redemptoris Mater».

Por todo o lado e durante todos estes meses, se multiplicaram as iniciativas de festejar Nossa Senhora. Esta presença contínua de Maria, durante o ano mariano, era palpável principalmente nos grandes e pequenos santuários que lhe são dedicados em todo o mundo.

Basta-nos evocar aquelas celebrações que tiveram um cunho mais universal, como a do terço do rosário, presidida pelo Papa e participada por muitas centenas de milhões de pessoas em todo o mundo, através da televisão, no dia 6 de

Junho de 1987, véspera da abertura do Ano Mariano; a celebração do «Akathistos», antiquíssimo hino oriental à Mãe de Deus, no dia 25 de Março deste ano de 1988; e a solene celebração do encerramento, no passado dia 15 de Agosto, como descrevemos noutra local.

E não podemos deixar de lembrar a coincidência significativa da celebração do bimilenário do cristianismo russo, um acontecimento, de resto bem presente nas intenções do Papa ao promulgar este ano dedicado à Virgem Santíssima, a quem aquele povo continua tão ligado.

Entre nós, o Ano Mariano celebrou-se em consonância com o apelo feito pelo Papa, secundado pelos nossos bispos, colectiva ou individualmente. Recordaremos apenas a realização do Congresso Nacional dos Leigos, de 2 a 5 de Junho, que teve como lema «Com Maria, renovar a Igreja, evangelizar o mundo» e todas as grandes peregrinações a Fátima, especialmente as aniversárias do ano de 1987 e do ano de 1988, em que o tema escolhido foi: «Feliz Aquela que acreditou».

No Santuário de Fátima

O encerramento do Ano Mariano no Santuário de Fátima revestiu-se dum brilho particular. A solenidade da Assunção de Nossa Senhora, que o Santo Padre escolheu para o encerramento, rematou quatro dias de grande animação espiritual e mariana, que trouxeram até Fátima verdadeiras multidões, que escolheram este lugar para celebrar Maria.

Os dias 12 e 13 foram preenchidos com a peregrinação internacional aniversária, em que se integrou a peregrinação nacional dos emigrantes.

No dia 14, domingo, houve vários actos expressamente relacionados com esta celebração. Para além das missas dominicais habituais, muitos peregrinos reviveram, em vídeo-gravação, a celebração do rosário presidida pelo Papa, na véspera da abertura do Ano Mariano, em 6 de Junho de 1987, em união com muitos santuários do mundo inteiro e muitas centenas de milhões de pessoas, através da televisão.

Às 16 h, na basílica, repleta de pessoas, houve um concerto mariano pelo grupo coral «Stella Vitae» de Lisboa, que executou peças predominantemente marianas, em canto gregoriano, em polifonia «a capella» e em polifonia com acompanhamento de órgão, execução sublinhada com uma prolongada salva de palmas. Este mesmo grupo colaborou depois nos actos litúrgicos dos dias 14 e 15.

Como nota sobre o assunto, diremos que este grupo coral, cujo reportório é essencialmente constituído por música polifónica dos séculos XVI e XVII,

foi fundado em Lisboa em 1945 por um grupo de antigos alunos dos seminários católicos. Actualmente tem cerca de 50 ele-

revo no reportório do «Stella Vitae» que também executa espirituais negros e música folclórica.

À tarde, efectuou-se a procissão eucarística no recinto.

Das 21.30 às 23.30 houve uma solene vigília internacional, com a participação muito numerosa de peregrinos portugueses e estrangeiros, que constou da recitação do terço na Capelinha das Aparições, procissão das velas, solene canto do «Akathistos» no altar do recinto, regresso à Capelinha, com a entoação da Ladainha Lauretana, e, finalmente, a recitação da oração do Ano Mariano em várias línguas, entre-meada de cânticos marianos tradicionais dos países representados. Presidiu a estes actos, bem como às celebrações do dia da Assunção, o Senhor D. Serafim, bispo coadjutor de Leiria-Fátima.

O dia 15 iniciou-se com a oração cantada de laudes, na Capelinha, continuando depois os outros actos litúrgicos e paralitúrgicos ao longo do dia: missas na basílica, terço na Capelinha, concelebração eucarística no altar do recinto, oração de reparação a Nossa Senhora, pelas comunidades religiosas da Cova da Iria, consagração da Companhia de Santa Teresa de Jesus e louvor dos jovens a Nossa Senhora, na Capelinha; procissão eucarística no recinto e finalmente terço e procissão das velas.

Uma nota de particular beleza: a Capelinha das Aparições esteve muito florida, durante estes dois dias.



O hino «Akathistos», oriental, sem título, sem data, sem nome de autor, brotado do coração de um dos antigos Padres (séc. V ou VI), é um testemunho perene da piedade e do amor que os bizantinos têm à Rainha do Céu. Não há hino que seja tão caro ao coração dos filhos da Igreja Grega e Eslava como este.

A designação de «Akathistos» vem-lhe de que, desde sempre, é cantado ou rezado «de pé», em sinal de reverência.

Compõe-se de 24 estrofes, tantas quantas as letras do alfabeto grego. As estrofes ímpares, depois de uma breve apresentação do tema, expandem-se em aclamações de louvor, tirando dos livros sagrados e de toda a criação as imagens mais belas para entretecer uma coroa à Virgem Mãe. As estrofes pares, pelo contrário, são como que um êxtase de contemplação do mistério da Encarnação.

mentos masculinos que, na vida de cada dia, exercem as mais diversas profissões. O canto gregoriano ocupa um lugar de

CRIANÇAS E FLORES AOS PÉS DE MARIA

Cerca de 10.000 crianças das nossas escolas primárias passaram por Fátima, este ano, nos seus passeios escolares.

Mais de 8.000, acompanhadas pelos professores e empregados, participaram em todo ou parte do programa que o Santuário lhes ofereceu. Desse programa faziam parte visitas guiadas ao Santuário, Aljustrel, Valinhos e Loca do Anjo, um áudio-visual, e, como actividade principal, a saudação a N.ª Sr.ª, na Capelinha das Aparições.

À hora marcada, pelas 11.30, de todos os lados se viam aparecer grupos de crianças, bem ordenadas, como pequeninos exércitos de paz e de candura. À volta da Capelinha, cantavam, rezavam e, em longas filas, iam colocando, em cestos e sobre os muros, as flores que traziam para oferecer a Nossa Senhora.

Era um espectáculo lindo,

que não passou despercebido a muitos peregrinos, portugueses e estrangeiros.

Houve grupos que prepararam cânticos, orações e poemas para Nossa Senhora.

Houve ofertas variadas, como espigas, azeite, um grande círio e mensagens escritas.

Um grupo trouxe 3 crianças vestidas como os pastorinhos de Aljustrel.

Algumas escolas trouxeram, em cadeirinhas de rodas, os alunos deficientes.

Penso que Nossa Senhora guardou com especial carinho, no Seu Coração de Mãe, estes sinais de ternura das nossas crianças portuguesas. E não deixará também de recompensar os professores que, com tanto zelo, prepararam os seus alunos para esta visita ao Santuário, neste Ano Mariano de 1988.

HELENA GEADA

O Ano Mariano assinalado na Filatelia

Acorreram ao posto do correio, que funcionou desde as 9 h até às 17, largas centenas de filatelistas e muitos peregrinos, sobretudo estrangeiros. Muitos que não puderam vir a Fátima, sabedores desta comemoração filatélica, enviaram centenas de cartas e postais, quer directamente para o Santuário quer para a estação dos Correios de Fátima, a fim de serem carimbados com este carimbo que veio enriquecer a já vasta filatelia fatimita.

No dia 15 de Agosto, os Correios e Telecomunicações instalaram um posto de correio na Colunata do Santuário, para franquiar as cartas e postais com um carimbo especial a comemorar o Ano Mariano.

FRANCISCO DE OLIVEIRA



EXPOSIÇÃO SOBRE OS VIDENTES

A vida dos videntes de Fátima e as aparições foram a temática duma exposição que esteve patente na galeria do posto de turismo de Fátima, durante o mês de Agosto.

Com esta exposição pretendeu-se assinalar o final das celebrações do Ano Mariano.

Estiveram expostos trabalhos da Irmã Lorella, Irmã Isabella Reçaelli, Laura Costa, Maria Manuela Xavier Correia, Irmã Maria da Conceição, Maria das Mercês, Emília Nadal, Fernando Higinio Abreu, António G. Celis.

Foi organizada pelo Serviço de Estudos e Difusão (SESDI) do Santuário, com a colaboração da Comissão Regional de Turismo «Rota do Sob», de Leiria, Missões Consolata (Fátima), Vice-Postulação dos Videntes (Fátima), Editorial Missões (Cucujães), Carmelo de Faro e Carlos Vitorino da Silva Barros.

Movimento dos Cruzados de Fátima

Ecoss da Semana de Estudos

Os que leram a síntese da Semana sobre a Mensagem de Fátima à luz da Mariologia actual do Sr. D. Alberto Cosme do Amaral, Director Nacional do Movimento dos Cruzados de Fátima, verificaram a importância dos temas apresentados. Dos 300 participantes, a maioria deixou o seu testemunho, manifestando o seu apreço de como tudo decorreu, temas bem apresentados e profundos. Alguns desejariam que estes fossem mais acessíveis.

O objectivo desta semana, acordado no Conselho e Secretariado Nacional do Movimento, foi realizar um trabalho de aprofundamento doutrinal para sacerdotes, religiosos(as) e leigos responsáveis, com capacidade de apreender e dar uma resposta apostólica adequada, nas dioceses, paróquias e comunidades religiosas. Analisando o quadro dos participantes, verificou-se uma notável presença de religiosas, um relativo

número de leigos e poucos sacerdotes. Contávamos com mais leigos e muito mais sacerdotes a fim de podermos dar resposta ao pedido de João Paulo II que, com insistência, tem convidado os portugueses a tornarem-se apóstolos duma mensagem que lhes foi confiada. Parece que a percentagem dos que em Portugal conhecem a mensagem e se dizem católicos praticantes não chega a 10%. Entretanto, o número de peregrinos a este santuário tem aumentado. Isto interpela e compromete os responsáveis dos movimentos apostólicos dedicados à difusão da mensagem, concretamente o Movimento dos Cruzados de Fátima. Sem elementos devidamente preparados, não é possível realizar uma eficaz acção; sem um verdadeiro empenhamento dos sacerdotes, pouco se consegue. Suponho que alguns ainda não descobriram no Movimento a nova fase que lhe deram os

Estatutos, aprovados pelo Episcopado Português em 1984. A leitura que estão a fazer do Movimento situa-se ainda na antiga Pia União, particularmente dos últimos anos. Digo últimos anos, pois esta, em tempos passados, realizou uma relevante obra em Portugal, colaborando com a antiga Acção Católica, sendo chamada então «Obra Auxiliar da Acção Católica».

Precisamos de avançar. Pedimos muita colaboração nos cursos que se estão a fazer a nível diocesano e nacional. Que as paróquias considerem esta mensagem hoje mais actual do que em 1917, como diz João Paulo II. Bem conhecida e vivida, será um óptimo instrumento de preparação para o ano 2000.

Maria conta com a boa vontade de todos.

P. ANTUNES

O que se diz do Terço ou Rosário

«O Rosário é a minha oração querida». (Paulo VI).

«O Rosário é a minha oração predilecta. Oração maravilhosa! Maravilhosa na simplicidade e na profundidade. Nesta oração repetimos muitas vezes as palavras que a Virgem Maria ouviu ao Arcanjo Gabriel e à sua parente Isabel. A estas palavras associa-se a Igreja inteira. Pode dizer-se que é um comentário do último capítulo da «Lumen Gentium» do Concílio Vaticano II. O nosso coração pode incluir nestas dezenas todos os factos que formam a vida do indivíduo, da família, da nação, da Igreja e da humanidade». (João Paulo II).

«Devoção velhinha, simples, acessível a todos, o Rosário corre o risco de cair em devoção rotineira, mecânica, com pouca alma. Talvez por isso, considerando o Rosário como ele se pratica em muitos casos e não como ele deve ser rezado e vivido, alguns, com o pretexto do ressurgimento litúrgico e da renovação conciliar, começaram inconsideradamente a atribuir ao Rosário menos valor doutrinal e espiritual do que ele contém em si mesmo: Rosário — síntese milenária da devoção a Maria.

Rosário — saltério de Maria» (P. Dr. Raul Rolo, Semana de Estudos, Abril de 1983).

O que disse Nossa Senhora

Porque é que o Francisco não vê Vossemecê? — Diz-lhe que reze as contas e ver-me-á.

«Rezemo o Terço todos os dias para alcançarem a paz do mundo e o fim da guerra». (N.ª Senhora em 13.5.917). «Quero que rezem o Terço todos os dias» (13.6.917). «Quero que continuem a rezar o Terço todos os dias» (13.7.917). «Quero que continuem a rezar o Terço todos os dias» (19.8.917). «Continuem a rezar o Terço para alcançarem o fim da guerra» (13.9.917). «Quero que continuem a rezar o Terço todos os dias» (13.10.917).

Rumo a Fátima

Nem a chuva nem o calor retêm o povo que tem fé.

Assim foi, nos dias que antecederam o 13 de Agosto, através dos caminhos que conduzem a Fátima. Novos, velhos e crianças, alguns emigrantes puseram-se a caminho, sem medir forças, que por vezes faltaram, mas algo os impelia, na ânsia de chegarem para agradecerem a Nossa Senhora graças recebidas em horas de aflição.

Quanto nos foi grato poder ouvir alguns relatos, embora incompletos, de casos ocorridos cá e lá! É que a boca fala do que está no coração (assim diz o adágio popular). Porém nem sempre encontram espaço e tempo nem pessoas para os ouvir.

O cansaço é grande, a falta de água seca-lhes a boca, mas os quilómetros esperam por pés macerados mas almas fortes.

Param nos postos de acolhimento (por enquanto muito distanciados), sempre em grupos, para melhor se defenderem dos assaltos, que são uma realidade. Aqui os aguardam os que,

numa doação plena, vivem na certeza de que quem dá recebe. «O que fizerdes a um dos mais pequeninos...» E tanto se dá!... Tudo se deixa: a família e as comodidades do lar; interrompem-se férias durante uma semana, para, numa incondicional disponibilidade, servirem, a toda a hora, os pequeninos que deles precisam. Sentimo-nos pequenos perante tanto esquecimento de si próprios e grandeza de alma.

Pena é que sejam tão poucos os que se dispõem a prestar serviços. De médico e louco, diz o povo, todos temos um pouco. E porque não de enfermeiro? É uma questão de amor.

É nítida a falta de pessoal e ousou perguntar a quem cabe a culpa de tal ausência.

Entre as Obras de Misericórdia há as que se referem ao dar de beber a quem tem sede e pousada aos peregrinos. O

que neste particular nos chegou é de a recriar. Estamos nós, cristãos, certos destas verdades? Eles passam por aldeias, vilas e cidades. Quanto se poderia fazer para minimizar especula-

ções de que tantos são vítimas! Mas tudo aguentam porque nada se pode comparar com as graças que, por intermédio de Nossa Senhora, receberam. É assim a fé do nosso povo. Não escondem no entanto a pena de pouco saberem sobre as coisas relacionadas com Fátima, e é com avidez que recebem os papelinhos (assim lhes chamam) que se lhes dão ao passarem. E quando se pode falar-lhes da Mensagem de Fátima, vivem melhor a sua caminhada.

E vêem-se lágrimas nalguns olhos quando, além da penitência e oração, ouvem falar da mudança de vida. Pois é, dizem entreolhando-se, pensativos. Parece que, por momentos, fazem uma revisão de vida e, no mais profundo da sua alma, deixam nascer o desejo e a vontade de mudança, para melhores relações com vizinhos e familiares.

Pergunto-me: se os nossos bispos instituíram um Movimento dos Cruzados de Fátima, a quem cabe, em grande parte, a ignorância dos peregrinos que tanta devoção têm a Nossa Senhora?

Por terras do Faial

PEREGRINAR
É EXPRESSÃO DE FÉ

Com uma população inferior a 16.000 habitantes, a Ilha do Faial possui, na povoação da Ribeira Funda, uma ermida consagrada a Nossa Senhora de Fátima, cuja festa se celebra no domingo mais próximo do dia 13 de Julho e de que faz parte uma peregrinação.

Há uns anos, o sr. P. Fortuna propôs ao Secretariado dos Cruzados de Fátima da Ilha que apoiasse aquela peregrinação, a que deram entusiástica adesão quase todos os sacerdotes.

A partir de então, a peregrinação tem crescido em número de participantes e, sobretudo, em qualidade.

Este ano, realizou-se no dia 9, coincidindo assim com a peregrinação anual dos Cruzados de Fátima ao Santuário da Cova da Iria.

Foi preparada com a colaboração dos párocos e direcções paroquiais do Movimento. E, no dia próprio de manhã, dois grupos de peregrinos partiram de duas igrejas, pelo sul e pelo norte da Ilha, depois de terem participado na santa Missa e recebido a bênção adequada.

Preces e cânticos, meditações com tempos de reflexão em silêncio, espírito de sacrifício e interajuda foram tão manifestos que levaram alguém a afirmar: «pode-se dizer que foi uma peregrinação modelo».

Apesar do calor intenso e dos caminhos a subir, todos se mostravam bem dispostos e com desejo de voltar.

Em todas as localidades, Cruzados de Fátima e muito povo encontravam-se nas igrejas e outros lugares de culto, com o pároco à frente, a saudar os peregrinos, a rezar com eles e a aumentar-lhes o fervor. Por toda a parte, havia quem oferecesse café ou refrescos.

Na ermida, a palavra entusiasmada do assistente dos Cruzados a relembrar o lema da peregrinação «FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU», a renovar os propósitos colectivo e pessoal, a récita diária do terço e o combate às modas menos dignas.

Piedosa procissão de velas e Concelebração Eucarística remataram este dia em que o Faial esteve fisicamente ou em espírito em união íntima com Fátima e com a sua mensagem.

OLÍVIA DE JESUS

O MCF em terras de França

Do emigrante Manuel Fernandes de Moura recebemos a carta que transcrevemos:

É com muito gosto e amor a Nossa Senhora que mando uma primeira lista com uma trezena, e informo que estamos todos dispostos a trabalhar para ajudar a divulgar a Mensagem de Fátima, coisa que já fazemos há algum tempo. Nesta paróquia francesa (Bessancourt), venera-se Nossa Senhora de Fátima que veio desse santuário. É verdadeiramente lindo ver portugueses e franceses aos pés de Nossa Senhora!

Peço mais informações no que diz respeito aos Cruzados de Fátima, quanto havemos de pagar e como fazer aqui em França para aumentar o número de associados do Movimento. Agradeço que me expliquem tudo o melhor possível.

Respeitosos cumprimentos

28.07.1988

MANUEL FERNANDES DE MOURA
8, Impasse de l'École

95550 Bessancourt — France

Dêmos a nossa merenda aos pobrezinhos

(Palavras da Jacinta)

Os leitores que nos estão a seguir, certamente já verificaram que as generosidades a favor da aquisição duma carinha de 9 lugares para serviço dos peregrinos a pé e doentes estão a crescer. Eis como:

| | |
|--|------------|
| Um grupo de S. Pedro da Cova, mais . . . | 5.000\$00 |
| Joaquim Amado — Tondela | 1.000\$00 |
| Joaquim Marcelino — Faro | 5.000\$00 |
| Jovem que se privou de alguns gastos durante as férias | 1.500\$00 |
| Manuel Roberto de Sousa — Funchal (Madeira). | 10.000\$00 |
| Doente anónimo | 1.000\$00 |

Aprendamos do muito que os pequeninos videntes de Fátima nos testemunham.

Diz a Sagrada Escritura: «Nunca tenhas receio de dar esmola; assim acumularás um bom depósito em teu favor para o dia da necessidade.

A esmola é, aos olhos do Altíssimo, uma dádiva sagrada de grande valor, que aproveita a todos os que a oferecem». (Do livro de Tobias, 4, 8-11)